

APRENDENDO A SER PROFESSOR DE GEOGRAFIA: MEMÓRIAS E FORMAÇÃO

KAREN DUARTE RUZICKI¹; LÍGIA CARDOSO CARLOS²

¹Universidade Federal de Pelotas/PPGeo – kakaruzicki@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas/PPGeo – li.gi.c@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O texto trata de pesquisa que partiu de uma preocupação com o distanciamento entre a Geografia da escola e a formação em Geografia no ensino superior, a qual nos levou ao objetivo principal da investigação, ou seja, resgatar as memórias da Geografia escolar presentes nos alunos da licenciatura em Geografia para buscar estabelecer indicadores que possam contribuir para o ensino e a formação de professores na área, na perspectiva de uma Geografia escolar que amplie as capacidades de compreensão do espaço geográfico e da espacialidade da realidade vivida.

A compreensão da importância da Geografia no currículo escolar e da pequena vinculação da escola com a vida cotidiana dos alunos pauta-se na experiência docente com a educação básica e, também, na leitura e reflexão com os pares (CASTELLAR, 2005; CASTROGIOVANNI, 2017; STRAFORINI, 2018). Nessa perspectiva, foi ampliada a compreensão sobre o papel da memória e das vivências escolares para os alunos da graduação e como elas influenciam nas representações constituídas pelos educadores sobre sua profissão (MENEZES; COSTELLA, 2019). Ainda, foi possível detalhar a importância dos conceitos de memória e lugar para o ensino de Geografia (SANTOS, 2019) e dos estímulos externos e internos para o desenvolvimento do indivíduo e de suas capacidades de aprendizagem (DIAS; PESSANHA; NICOLAU, 2018).

No que se refere a formação de professores, Cunha (2013) explicita que essa formação não pode ser vista ou analisada de forma neutra, exige que se tome a pesquisa, a prática e o significado de ser professor na sociedade, considerando aspectos políticos e culturais e não meramente técnicos. Conforme a autora, no processo histórico a função dos professores já passou por diferentes análises, mudanças políticas, sociais e econômicas, sendo assim, é necessário considerar um contexto complexo e em constante modificação. Essa consideração se justifica porque o professor exerce sua atividade em instituições específicas situadas no espaço e no tempo, marcada por valores e expectativas. Esse pressuposto indica a existência de tendências investigativas no campo da formação de professores, com implicações nas práticas formativas.

2. METODOLOGIA

Tivemos como *locus* de investigação alunos do terceiro semestre da licenciatura em Geografia de uma universidade pública do sul do RS e como encaminhamento para a geração de dados o grupo focal (GATTI, 2005). Como a base é a busca das informações por meio das narrativas ocorridas no grupo e nas atividades nele realizadas, proporciona a facilitação da expressão de ideias e de experiências que poderiam ficar pouco desenvolvidas em entrevistas individuais (GATTI, 2005). Cada vez mais o trabalho com o Grupo Focal tem deixado de ser apenas uma estratégia de pesquisa para caracterizar um trabalho formativo com narrativas, experiências e comparações com potencial para realizar reflexões e

análises sobre determinada situação, dentro de um contexto vivido. A escolha partiu do período de preparação para o estágio de docência com os alunos da graduação em Geografia em uma disciplina que problematizava a gestão e o currículo na formação dos professores de Geografia, na qual as narrativas de experiências escolares e acadêmicas foram bastante relevantes.

Foi incluído no procedimento metodológico um questionário preparatório para o grupo focal, com os 13 alunos integrantes da disciplina citada anteriormente. Buscou identificar as instituições nas quais os alunos cursaram os níveis de ensino citados, o número de professores de Geografia que tiveram durante o período escolar, as dificuldades de aprendizagem encontradas e os conteúdos geográficos mais significativos. No que se refere ao Grupo Focal, contou com quatro alunos da graduação, que de forma voluntária participaram de quatro encontros, onde foram abordadas temáticas orientadas por três eixos – recordações da educação básica; contexto das situações recordadas; relações entre ensino básico e licenciatura – levados aos participantes através de imagens e músicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresentamos os dados da pesquisa divididos em primeiro e segundo agrupamentos, ou seja, os dados originados do questionário preparatório e aqueles originados dos encontros do grupo focal.

Com o questionário foi possível identificar que a maioria dos alunos estudou em escolas públicas da rede estadual no ensino fundamental, compreendendo 83,3%. Estudaram na rede privada de ensino 16,7%. Já no ensino médio, 50% estudaram na rede pública estadual, 33,3% no ensino privado e 16,7% em rede federal de ensino técnico. Em relação ao número de professores de Geografia que tiveram durante o período escolar, constatamos que no ensino fundamental 83,3% tiveram de dois a três professores até a conclusão deste nível e 16,7% tiveram mais de quatro professores no mesmo período. No ensino médio permaneceu o mesmo índice das respostas obtidas no nível anterior. Quanto as questões dissertativas sobre os conteúdos mais significativos, os alunos elencaram os vinculados ao campo da Geografia Física como relevo, bacia hidrográfica e fuso horário, porém, nas respostas referentes às memórias do ensino básico que são significativas e acompanham o curso de graduação, os conteúdos vinculados à Geografia Humana foram expressivos, como globalização, disputas por territórios. Porém, também apareceram conteúdos da Geografia Física. A maioria dos entrevistados salientou que associam memórias do período escolar com os estudos realizados no período da graduação e que, por vezes, está ligada diretamente ao professor, em outros casos relacionada com conteúdos curriculares ou com a metodologia utilizada durante as aulas.

No segundo agrupamento de dados, aqueles resultantes do grupo focal, destacamos:

O primeiro encontro do grupo focal teve como eixo as memórias da Geografia na educação básica. As conversas trouxeram memórias de situações de sala de aula em que estavam presentes descrições, memorizações e repetições. Foi indicada a pouca realização de aulas criativas ou com utilização de materiais diferentes do convencional, em que pese a dificuldade de explicitar o que seriam aulas mais criativas. O mapa era usado de forma expositiva sem manuseio por parte dos estudantes, na perspectiva da visualização. Mesmo assim, os licenciandos participantes do grupo focal consideraram que os professores incentivavam a manifestação oral dos estudantes sobre os conteúdos estudados e a relação des-

tes com situações vivenciadas, ressaltando que estes encaminhamentos eram realizados, principalmente, por professores de História e Geografia.

O segundo encontro do grupo focal buscou problematizar as memórias do primeiro encontro e a situação atual da educação. O diálogo centrou-se na relação entre as memórias e o contexto social da época em que cursaram a educação básica e não na situação atual. Um aspecto salientado foi a conformidade com as regras de conduta da sala de aula e exigências escolares por parte dos familiares e responsáveis pelos alunos, proporcionando um ambiente de mais fluidez e menos conflitos na comunidade escolar. As memórias trouxeram a pequena associação entre os conteúdos estudados na educação básica com o contexto e as questões sociais e políticas presentes no cotidiano da época. Mesmo assim, lembraram com satisfação de situações em que professores promoviam aulas mais participativas e, conseqüentemente, possibilitando conexões entre o vivido e o estudado.

No terceiro encontro foi proposta uma discussão relacionando as memórias da escolarização com as experiências no curso de licenciatura em Geografia. Os participantes enfatizaram o contexto universitário, no qual as relações entre professores e alunos são baseadas no diálogo, considerando-as bem-sucedidas. Salientaram a necessidade de maior autonomia individual no contexto do ensino superior para o desenvolvimento de aprendizagens e a oportunidade, de alguns alunos, inserirem-se em grupos de estudos, laboratórios e programas como o PIBID e o Residência Pedagógica.

O quarto encontro tratou das influências das políticas públicas em sala de aula. Os alunos entendem que políticas educacionais como a BNCC visam proporcionar mudanças qualitativas tanto na escola quanto na formação, porém, percebem resistências dos docentes, tanto da educação básica como do ensino superior, na operacionalização e adaptação a ela. Também, identificam empecilhos e relutâncias na inserção e utilização de novas tecnologias como suporte para o desenvolvimento das aulas. No que se refere aos resultados da pesquisa, podemos salientar:

As informações dos sujeitos estão preponderantemente vinculadas aos contextos das escolas públicas e às interações com uma variedade de professores de Geografia e suas atuações profissionais. A disciplina não é identificada como um componente curricular de grande dificuldade para a aprendizagem, estando os conteúdos da Geografia Física dentre os mais significativos, mesmo que não sejam os que suscitam as memórias mais expressivas. Já no ensino superior, a exigência de maior autonomia intelectual, contrapondo-se à vivência de escolarização no ensino básico, levou-os a relacionar a formação com um processo individual e não coletivo.

No que tange à política educacional parece-nos que ela é compreendida de modo pouco crítico, no sentido de que não é entendida como o resultado de disputas de grupos que envolvem determinadas concepções de docência e de profissão. Considerando que a escola e a sala de aula são espaços em que se concretizam as compreensões sobre a política, como projeto educativo a ser posto em ação (AZEVEDO, 1997), as manifestações no grupo focal se direcionavam na perspectiva de que os professores necessitam conhecer e se ambientar às políticas, indicando uma certa fragilidade da compreensão da educação como política pública na formação de professores.

4. CONCLUSÕES

Retomando o propósito da investigação, podemos inferir que as experiências da vida escolar dos graduandos influenciaram em suas escolhas pela docência e interferem em suas expectativas sobre a profissão. Além disso, o contexto de necessidade de maior autonomia intelectual no ensino superior não foi percebido como um componente constitutivo da profissão e, portanto, compondo um processo com implicações no coletivo. A autonomia intelectual foi compreendida na perspectiva de uma demanda individual. Corrobora com esta afirmação a identificação de que a ampliação de oportunidades de aproximação entre teoria e prática da/na profissão, para além do estágio supervisionado, beneficiam a formação mas não abrangem a totalidade dos estudantes, ficando restritas a vagas em programas ou grupos determinados. Também foi um indicador para compreender e buscar qualificar a formação na licenciatura a fragilidade no entendimento do sentido de política educacional, não significando o resultado de disputas de grupos que possuem distintas concepções de docência e de profissão mas como uma instância para conhecer e se ambientar.

Entendemos que o estudo trouxe indicadores para contribuir no constante processo de qualificar a formação entendendo-a em suas especificidades e fragilidades que são reveladas nas narrativas e trocas proporcionadas pelo grupo focal. Na perspectiva de considerar a Geografia e sua docência como conhecimento com capacidade de interpretar e investigar a espacialidade, estimular a curiosidade científica dentro e fora do ambiente escolar, com potencial reflexivo e crítico na leitura do mundo contemporâneo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Janete Lins de. **A educação como política pública**. Campinas: Autores Associados, 1997.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzela. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos CEDES**, v.25, n.66, 2005.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. ed12. Porto Alegre: Mediação. 2017. 144p.

CUNHA, Maria Isabel da. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Edu. Pesquisa.**, São Paulo, n. 3, jul/set, 2013.

DIAS, Fabrizia Alvarenga; PESSANHA Renata G. Braga; NICOLAU Cecília Cordeiro Burla de Aguiar. A inter-relação entre memória e aprendizagem, **Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, vol.8, n 21, abril de 2018.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005

MENEZES, Victória Sabbado; COSTELLA, Roselane Zordan. Por entre memórias da vida escolar e acadêmica: a formação docente em Geografia em questão, **Rev. Tamoios**, ano 15, n. 2, jul-dez 2019.

SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos. Por uma educação geográfica transformadora: apontamentos e reflexões a partir dos conceitos de memória, lugar e cidade, **Revista Ensino de Geografia**, v. 2, n. 1, 2019.

STRAFORINI, Rafael. O Ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados** 32 (93), 2018.